

VIDA E MORTE EM “O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS”: *A BUSCA DA IDENTIDADE*

Verônica Franciele Seidel
Mestranda em Letras (UFRGS)
veronicaseidel@gmail.com

RESUMO

Em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, Ricardo Reis oscila entre o heterônimo de Fernando Pessoa e alguém com identidade própria. Ao longo da obra, percebe-se uma dualidade, de tal modo que o Ricardo Reis que existe como personagem do romance é um outro de si mesmo. Interessa ressaltar, ainda, a relação que se (re)estabelece na obra entre Ricardo Reis e Fernando Pessoa, redimensionando o processo heteronímico. Apesar disso, ao final, Reis, opta pela morte, sendo apenas um heterônimo de Fernando Pessoa.

PALAVRAS-CHAVE: existência, heteronímia, identidade.

ABSTRACT

In *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, Ricardo Reis oscillates between heteronym of Fernando Pessoa and someone with their own identity. Throughout the work, there is a duality, so that Ricardo Reis that exists as a character in the novel is another himself. Interests also stress the relationship that is (re)established in the work of Ricardo Reis and Fernando Pessoa, of heteronymy the resizing process. Nevertheless, at the end, Reis choose to be just a heteronym of Fernando Pessoa.

KEYWORDS: existence, heteronymy, identity

Ricardo Reis é “uma ficção que surge com toda legitimidade do ‘fingimento’ nas páginas verdadeiras de Pessoa” (MARGATO, 2011, p. 85) para tornar-se personagem de José Saramago em *O ano da morte de Ricardo Reis*. Ricardo Reis, expatriado no Brasil desde 1919, de acordo com a ficção pessoana, é trazido, por Saramago, de volta à pátria portuguesa, onde chega em 29 de dezembro de 1935, precisamente um mês após a data da morte de Fernando Pessoa. Inicialmente, pode-se dizer que o ano de vida que lhe é dado viver nas páginas do romance faz dele um outro. Essa alteridade é peça-chave no propósito de reinvenção que caracteriza o processo ficcional do romance, de modo que o novo contexto a que é submetido acaba por produzir algumas rasuras, questionamentos e impasses (MARGATO, 2011).

Ricardo Reis desembarca em Lisboa para começar uma vida nova, para começar a existir de verdade, para ser. A sua chegada do Brasil é, de certo modo, um nascimento, um passo para a terra firme, como se saísse do seu estado fantasmagórico de máscara, que é a heteronímia, e entrasse em um corpo humano (JURŠIČ, 2009). Quando pega um carro, o motorista lhe pergunta para onde vai e Ricardo Reis não sabe responder, diz apenas “para um hotel”, mas não sabe para qual (SARAMAGO, 1998, p. 16). Lisboa aparece, assim, como um labirinto – “Ricardo Reis atravessou o Bairro Alto, descendo pela Rua do Norte chegou ao Camões, era como se estivesse dentro de um labirinto que o conduzisse sempre ao mesmo lugar” (SARAMAGO, 1998, p. 70) – da mesma forma que o próprio Ricardo Reis, uma vez que:

Vivem em nós inúmeros, se penso ou sinto, ignoro quem é que pensa ou sente, sou somente o lugar onde se pensa e sente [...] Se somente isto sou, pensa Ricardo Reis depois de ler, quem estará pensado agora o que eu penso, ou penso que estou pensando no lugar que sou de pensar, quem estará sentido o que sinto, ou sinto que estou sentido no lugar que sou de sentir, quem se serve de mim para sentir e pensar, e, de quantos inúmeros que em mim vivem, eu sou qual, quem, Quain, que pensamentos e sensações serão os que não partilho por só me pertencerem, quem sou eu que outros não sejam ou tenham sido ou venham a ser (SARAMAGO, 1988, p. 24).

Vai ao cemitério visitar Fernando Pessoa e, quando volta, sente “um vago na cabeça, como uma falta, um pedaço de cérebro a menos, a parte que me coube” (SARAMAGO, 1998, p. 39). É como se a morte de Pessoa, seu criador, indicasse que Reis não existe como um inteiro por si só, mas apenas como parte de um outro.

Conforme explica Margato (2011), isso se dá pelo achado ficcional da narrativa: o ano de 1936 que lhe resta viver. É um tempo novo em que Ricardo Reis irá se confrontar com as suas verdades e viver essa outra forma de vida que lhe foi oferecida. Assim, desde o início a personagem se revela outra. Inúmeras são as vezes em que o narrador aponta para o que de novo existe em uma atitude ou em um modo de dizer da personagem:

estranho sinal, o de quê, estar um homem lembrando-se do seu quarto de hotel como de casa que sua fosse, sentir esta inquietação, este desassossego, [...] conseguiu, enfim, reprimir a ansiedade absurda, obrigar-se a ser apenas uma pessoa qualquer que regressa a casa, mesmo hotel sendo [...] e calou-se repentinamente ao notar que formara, de enfiada, três versos de sete sílabas, redondilha maior, ele, Ricardo Reis, autor de odes ditas sáficas ou alcaicas, afinal saiu-nos poeta popular (SARAMAGO, 1988, p. 45-47).

Corroborando com essa ideia, por exemplo, o seguinte trecho de um diálogo de Fernando Pessoa com Ricardo Reis: “Meu caro Reis, você, um esteta, íntimo de todas as deusas do Olimpo, a abrir os lençóis da sua cama a uma criada de hotel, a uma serviçal” (SARAMAGO, 1988, p. 118). Segundo Massucato (2006), como discípulo de Alberto Caeiro, Ricardo Reis herdou a característica de aceitar as coisas como são, a busca da simplicidade, do desprezo pelo social e sofisticado e a busca da felicidade, que, conforme postula o epicurismo, se dá à medida que se afasta do mundo, das preocupações e das paixões, evitando, assim, a dor. No entanto, o Ricardo Reis personagem não foge aos acontecimentos que o rodeiam, procurando participar desse mundo:

ele procura conhecer o que se passa em Portugal e no mundo; pensa em política, na questão da perda de colônias portuguesas para a Inglaterra, na crise espanhola; preocupa-se com o que pensariam sobre o seu caso com Lídia; sente-se só, contrariado, irritado, inquieto, decepcionado, colérico, emocionado; mostra-se apegado a seus bens, à sua aparência, às convenções; pensa sobre a velhice; preocupa-se com as misérias humanas; faz projetos para o futuro, mesmo que curto; apaixonou-se e sofre; enfim, começa a perceber o mundo a sua volta (MASSUCATO, 2006, p. 94).

A mudança do Ricardo Reis pessoano para o Ricardo Reis personagem pode ser percebida, também, através do próprio reconhecimento de si que não mais existe em relação ao que aquele escrevia em suas odes: “Vai sentar-se à secretária, mexe nos seus papéis com versos, odes lhes chamou e assim ficaram, porque tudo tem de levar seu nome, lê aqui e além, e a si mesmo pergunta se é ele, este, o que os escreveu, porque lendo não se reconhece no que está escrito, foi outro esse desprendido, calmo e resignado homem” (SARAMAGO, 1988, p. 224). Conforme explica Kawamura, “a harmonia e o equilíbrio, a que

Reis visa atingir em sua produção poética, começam a ruir concretamente, quando a ele é atribuída a existência humana nas minúcias e vicissitudes de um cotidiano” (2009, p. 45), como a possibilidade de amores concretos, a conspiração política que se forma contra ele no regime ditatorial de Salazar, a frustração de desejos, a solidão e a morte.

Ricardo Reis oscila, assim, entre o heterônimo de Pessoa e alguém com identidade própria. O que se percebe, ao longo da obra, é a dualidade, o movimento tenso de uma contradição entre um e outro. Nesse sentido, pode-se dizer que o Ricardo Reis que existe como personagem do romance é um outro de si mesmo (MARGATO, 2011):

A si mesmo se vê como um ser duplo, O Ricardo Reis limpo, barbeado, digno, de todos os dias, e este outro, também Ricardo Reis, mas só de nome, porque não pode ser a mesma pessoa o vagabundo de barba crescida, roupa amarrotada, camisa como um trapo, chapéu manchado de suor, sapatos só poeira, um pedindo contas ao outro da loucura que foi ter vindo a Fátima sem fé, só por causa de uma irracional esperança (SARAMAGO, 1988, p. 319-320).

Observa minuciosamente o que o espelho lhe mostra, tenta descobrir as semelhanças deste rosto com um outro rosto que terá deixado de ver há muito tempo, que assim não pode ser diz-lho a consciência, basta que tem a certeza de se barbear todos os dias [...] no entanto [...] hoje vê-se e não se reconhece (SARAMAGO, 1988, p. 345).

Ricardo Reis saramaguiano, já no início de sua hospedagem no hotel Bragança, esperou que Lídia fosse lhe fazer companhia, “não como em suas odes, mas como um homem aguarda uma mulher, deixando de ser apenas um espectador do mundo” (QUADROS, 2008, p. 82):

[...] foi soltar o trinco da porta, depois encostou-a devagar, parece fechada e não está, basta que apoiemos nela sutilmente a mão. Tornou a deitar-se [...] um vulto atravessa tentando, pára à beira da cama, a mão de Ricardo Reis avança e encontra uma mão gelada, puxa-a, Lídia treme, só sabe dizer, Tenho frio (SARAMAGO, 1988, p. 96).

É Lídia quem poderá conduzir Ricardo Reis à vida, no percurso que ele faz pelo labirinto da existência, sendo seu elo com a realidade. Ela é responsável por fazer com que o poeta saia do seu papel de espectador do espetáculo do mundo e assuma um lugar de agente, de participante. No entanto, esse “estar no mundo real” parece duro demais a Ricardo Reis, parece indicar um labirinto que prefere não resolver. Assim, se perfilhasse seu filho com Lídia, deixaria de ser apenas um observador e “mergulharia no mundo, no tempo e na história” (SARAMAGO, 1988, p. 290).

É interessante observar, ainda, o contraste que se estabelece entre Lúdia, não a musa das odes de Reis, mas aquela que carregará no ventre um filho seu, e Marcenda. Enquanto que, ao lado de Lúdia, “Ricardo Reis experimenta a possibilidade de estar vivo, os prazeres e as implicações que envolvem o estar no mundo”, com Marcenda, “vive a expectativa de manter-se à margem, inerte ao mundo” (KAWAMURA, 2009, p. 56), assim como a sua mão esquerda que está sempre “murcha”. No início, Reis demonstra preferência por Marcenda, aproximando-se do comportamento condizente com o de um poeta, mas, no decorrer dos fatos, é em Lúdia que pensa, é ela que toca, pela primeira vez, seu coração:

Três mil soldados de Marrocos desembarcaram em Algeciras, e vai estender-se em cima da cama, desesperado por se ver tão sozinho, não pensa em Marcenda, é de Lúdia que se lembra, provavelmente porque está mais ao alcance da mão, maneira de dizer, que nesta casa não há telefone, e que o houvesse, seria um escândalo ligar para o hotel e dizer assim, Boa noite, senhor Salvador, daqui fala o doutor Ricardo Reis [...] apenas queria falar com Lúdia, se ela pudesse vir aqui a minha casa (SARAMAGO, 1988, p. 389-390).

Vou deixar vir o menino. Então, pela primeira vez, Ricardo Reis sente um dedo tocar-lhe o coração. Não é dor, nem crispação, nem despegamento, é uma impressão estranha e incomparável, como seria o primeiro contacto físico entre dois seres de universos diferentes, humanos ambos, mas ignotos na sua semelhança, ou, ainda, mais perturbadoramente, conhecendo-se na sua diferença (SARAMAGO, 1988, p. 355).

Pode-se notar, assim, que seria mais fácil continuar exaltando a Lúdia musa, pois a “Lúdia de encher as mãos” (SARAMAGO, 1988, p. 182) parece oferecer ao poeta um enigma no labirinto que ele não pode ou não quer resolver. Ao perceber o mundo que Lúdia lhe mostra, Ricardo Reis sente que não tem espaço para si nele, pois não consegue se encaixar nessa sociedade (MASSUCATO, 2006).

Interessa ressaltar, ainda, a relação que se (re)estabelece na obra entre Ricardo Reis e Fernando Pessoa, redimensionando o processo heteronímico. Torna-se patente o constante questionamento por parte de Pessoa acerca da mudança de comportamento de Reis e da própria existência deste como um ser por si só, o que também é fonte de dúvida para o próprio Reis. Observem-se os trechos a seguir:

Ricardo Reis tem uma curiosidade para satisfazer, quem estiver a olhar para nós, a quem é que vê, a si ou a mim. Vê-o a si, ou melhor, vê um vulto que não é você nem eu, Uma soma de nós ambos dividida por dois. Não, diria antes que o produto da multiplicação de um pelo outro, Existe essa aritmética, Dois, sejam eles quem forem não se somam, multiplicam-se, Crescei e multiplicai-vos, diz o preceito, não é nesse sentido, meu caro, esse é o sentido curto, biológico, aliás com muitas

exceções, de mim, por exemplo, não ficaram filhos, De mim também não vão ficar, creio, e no entanto somos múltiplos (SARAMAGO, 1988, p. 93).

Não seja ingrato, você sabe lá que mulher seria a Lídia das suas odes, admitindo que exista tal fenómeno, essa impossível soma de passividade, silêncio sábio e puro espírito, É duvidoso, de facto, Tão duvidoso como existir, de facto, o poeta que escreveu as suas odes, Esse sou eu, Permita-me que exprima as minhas dúvidas, caríssimo Reis, vejo-o aí a ler um romance policial, com uma botija aos pés, à espera duma criada que lhe venha aquecer o resto, rogo-lhe que não se melindre com a crueza da linguagem, e quer que eu acredite que esse homem é aquele mesmo que escreveu Sereno e vendo a vida à distância que está, é caso para perguntar-lhe onde é que estava quando viu a vida a essa distância (SARA MAGO, 1988, p. 118).

O que eu não esperava era que você fosse tão persistente amante, para o volúvel homem que poetou as três musas, Neera, Cloe e Lídia, ter-se fixado carnalmente numa (SARAMAGO, 1988, p. 279).

Como vê, sabemos tudo um do outro, ou eu de si, Haverá alguma coisa que só a mim pertença, Provavelmente, nada (SARAMAGO, 1988, p. 362).

É possível perceber, ainda, momentos em que a criatura questiona o agir do criador: “É grande engano o seu se continua a julgar que isso basta, é preciso dormir com elas, fazer-lhes filhos, mesmo que sejam para desmanchar, é preciso vê-las tristes e alegres, a rir e a chorar, caladas e falando, é preciso olhá-las quando não sabem que estão a ser olhadas” (SARAMAGO, 1988, p. 362). Reis afirma, assim, que apenas contemplar a vida não é o suficiente; é preciso, aos olhos deste novo Reis, viver a vida.

A ligação entre os dois é perceptível também na questão do tempo. Para um, o tempo que tem para deixar de vez o mundo dos vivos e, para outro, o tempo que tem para tornar-se parte desse mundo. Enquanto Fernando Pessoa está passando por um processo de desligamento do mundo, Ricardo Reis faz o caminho inverso, uma vez que são necessários nove meses para chegar ao mundo e nove meses para deixá-lo.

Contas certas, no geral e em média, são nove meses, tantos quantos os que andámos na barriga de nossas mães, acho que é por uma questão de equilíbrio, antes de nascermos ainda não nos podem ver mas todos os dias pensam em nós, depois de morrermos deixam de poder ver-nos e todos os dias nos vão esquecendo um pouco, salvo casos excepcionais nove meses é quanto basta para o total olvido (SARAMAGO, 1988, p. 80).

É como se a morte de Pessoa tivesse possibilitado a Ricardo Reis um período de busca pela identidade própria, cercado de questionamentos acerca de sua existência. É nesse

período que Reis tem a oportunidade de construir um eu que não é apenas um heterônimo. Durante a leitura dos jornais, queria “encontrar guias, fios, traços de um desenho, feições de rosto português, não para delinear um retrato do país, mas para revestir o seu próprio rosto e retrato de uma nova substância, poder levar as mãos à cara e reconhecer-se, pôr uma mão sobre a outra e apertá-las” (SARAMAGO, 1988, p. 88).

E, ao final da obra, quando já adquiriu noção da identidade de si, quando já vivenciou “a complexidade da alma humana” (SARAMAGO, 1988, p. 386), dá-se conta de que:

quer apenas manter-se a par das notícias, de maneira discreta e reservada, ouvi-las num íntimo murmúrio, assim não se sentirá obrigado a explicar a si mesmo, ou a tentar decifrar que sentimento inquieto o aproxima do aparelho, não terá de interrogar-se sobre ocultos significados do olho mortiço, de ciclope moribundo, que é a luz do mostrador minúsculo, se será de júbilo a expressão, contraditória se morre, ou medo, ou piedade [...] não é capaz de decidir se o alegam as apregoadas vitórias do exército revoltoso de Espanha ou as não menos celebradas derrotas das forças que apoiam o governo [...] não aprofundará este conflito interior, satisfaz-se [...] com o mal-estar que sente, como alguém que não teve coragem para esfolar um coelho e pediu a outra pessoa que lhe fizesse o trabalho, ficando a assistir à operação (SARAMAGO, 1988, p. 385-386).

Ricardo Reis opta por não mais vivenciar a complexidade que é o existir; prefere antes ser parte de outrem:

sinto que essa criança não me pertence, Pensa que será outro o pai, Sei que o pai sou eu, a questão não é essa, a questão é que só a mãe existe de verdade, *o pai é um acidente* [...] Tem razão, são apenas uns versos em que o nome dela está, quer que lhos leia, Não, Porquê, Conheço os seus versos de cor e salteado, os feitos e os por fazer, novidade seria só o nome de Marcenda, e deixou de o ser (SARAMAGO, 1988, p. 362, grifos meus).

Ricardo Reis já “se entregou, desleixado já no modo de vestir, cuidando mal da sua pessoa” (SARAMAGO, 1988, p. 386). Além disso, seu maior elo de ligação com o mundo real tem se afastado:

Lídia não tem aparecido, a roupa suja acumula-se, o pó cai sobre os móveis e os objectos maciamente, aos poucos as coisas perdem o seu contorno como se estivessem cansadas de existir, será também o efeito de uns olhos que se cansaram de as ver. Ricardo Reis nunca se sentiu tão só (SARAMAGO, 1988, p. 400).

Ricardo Reis está, assim como as coisas, perdendo o seu contorno, cansado de existir, de tentar desvendar esse labirinto que é a vida humana. Opta, então, após a independência que já adquiriu em relação ao seu criador, por ser sábio, contentando-se em assistir ao

espetáculo do mundo. Para isso, unem-se criador e criatura no momento em que Ricardo Reis decide, ao fim dos nove meses, ir com Fernando Pessoa para o cemitério.

Conforme postula Juršič (2009), Ricardo Reis esforça-se em existir, mas, no final, desiste. Não tem forças para continuar a sua procura, desiste de sua busca exterior pelas ruas labirínticas de Lisboa e da interior pelos meandros da sua identidade outra vez perdida. A atração pela morte é melhor e esta parece mais simples, menos exigente. O caminho que leva até ao cemitério dos Prazeres é confortável, mas só tem entrada, não tem saída, quem sai já não é o mesmo que entrou. Reis, quando entrar, nunca mais poderá sair como Ricardo Reis, mas somente como parte de Fernando Pessoa, como o seu heterônimo.

REFERÊNCIAS

JURŠIČ, Barbara. *O(s) fantasma(s) de Fernando Pessoa em O ano da Morte de Ricardo Reis*. 2009. 121f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) - Universidade de Lisboa, 2009.

KAWAMURA, Regina Cláudia. *O ano da Morte de Ricardo Reis: o leitor no jogo da ficção*. 2009. 126f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de São Paulo, 2009.

MARGATO, Izabel. Ricardo Reis e Fernando Pessoa – personagens ou rumores de versos? *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 85-94, jan./jun. 2011.

MASSUCATO, Anamélia Rodrigues Marquis. *Ricardo Reis e o mundo: o poeta das odes e a personagem de O ano da Morte de Ricardo Reis*. 2006. 137f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006.

QUADROS, Denise de. *Afetos e estranhamento em O ano da Morte de Ricardo Reis*. 2008. 117f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2008.

SARAMAGO, José. *O ano da Morte de Ricardo Reis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 415 p.

Como citar este artigo:

SEIDEL, Verônica Franciele. Vida e Morte em “O Ano da Morte de Ricardo Reis”: A Busca da Identidade. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 18, jul.-ago. 2014, p. 277-284. Disponível em: <http://www.pgletas.uerj.br/palimpsesto/num18/estudos/palimpsesto18estudos14.pdf>. Acesso em: **dd mmm. aaaa**. ISSN: 1809-3507